

O PROCESSO DO AQUILOMBAR FEMININO NA AMAZÔNICA BRASILEIRA: CAMINHOS DO FEMINISMO NEGRO NA QUILOMBAGEM

1. Introdução:

Este artigo é parte de uma pesquisa maior intitulada “Mulheres Quilombolas em Movimento: o protagonismo feminino na organização social e política do território”, realizada em duas grandes Regiões brasileiras, Norte e Sul, particularmente, nos estados do Pará e do Rio Grande do Sul¹. Os resultados aqui apresentados concentram dados construídos a partir do trabalho de campo realizado com um grupo de mulheres participantes da Comunidade Quilombola de Alto do Acará, localizada na zona rural da Região do Alto Acará, no Município de Acará, Estado do Pará, integrante da Amazônia Brasileira.

O crescimento do agronegócio e de outras atividades econômicas no município de Acará tem incentivado as comunidades tradicionais a se unirem para proteger seus direitos sobre a terra. A união de alguns moradores e moradoras das margens do rio Miritipitanga naquele município, resultou na formação da organização do quilombo em 2009, que foi certificado pela Fundação Cultural Palmares, em 2013, como Comunidade Quilombola de Alto do Acará e identificada por seus fundadores como Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombolas do Alto Acará (Amarqualta), esse movimento social é identificado por estudiosos e pesquisadores como a Quilombagem que, segundo a literatura acionada, representa a organização histórica das comunidades quilombolas no Brasil.

A Teoria da Quilombagem foi formulada por estudiosos brasileiros, e importante evidenciar que eram de origem afrodescendente. A teoria examina a resistência e a busca por identidade e autonomia dos povos afro-brasileiros, realça a relevância dos quilombos como locais de resistência cultural e social, onde o pertencimento à terra ocupada ancestralmente sustenta a luta por direitos. Além disso, sugere uma análise sobre a formação de comunidades que reconhecem a diversidade e a herança africana, incentivando a inclusão e o fortalecimento da identidade negra no Brasil (Moura, 1981; 2001; 2021; Nascimento, 1980; Nascimento, 2018).

A cosmopolítica afro das mulheres nos quilombos da Amazônia continua a ser ocultada e silenciada pela estrutura patriarcal eurocêntrica, a qual não reconhece suas agências. Aspectos como desigualdades de gênero, raça e classe, e o racismo institucionalizado nas diversas instâncias dos poderes de decisão, violam inúmeros direitos que impedem essas mulheres de viverem com dignidade. Segundo Amoras et al (2021), como fruto do movimento negro e feminista no mundo, as reivindicações dessas mulheres estão começando a ter visibilidade, tal como já se expande no conjunto dos países da América Latina. O conhecimento ancestral e o modo como se organizam politicamente, em diferentes contextos, muito explicam como se dá a resistência desses grupos pela permanência no tempo.

A discussão buscou estudos de autores negros brasileiros, como Abdias Nascimento e Clóvis Moura, que situam o movimento de Quilombagem no contexto nacional. Também incluímos produções recentes sobre a trajetória de escravização dos negros e o aparecimento dos quilombos na região da Amazônia Paraense e em particular no Município de Acará (Marim, 2000; Lima, 2002; Silva, 2020; Coutinho e Maciel, 2024). Além disso, levamos em conta as contribuições de Ribeiro (2018), Souto (2020) e Amoras, Costa e Araújo (2021).

Diante do exposto, surgiram várias inquietações que trouxeram importantes reflexões. A questão principal deste trabalho é: **De que forma o movimento de aquilombamento**

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por meio do convênio n.º 63962022.8.1001.0018, aprovado pelo Comitê de Ética da UFPA, sob o Parecer nº 5. 879. 982.

amazônico de mulheres negras contribui para o fortalecimento dos caminhos do feminismo negro? O objetivo geral visou **analisar as estratégias, desafios e impactos do quilombamento amazônico de mulheres negras na construção de um feminismo negro.**

Utilizando a lente da interseccionalidade, para compreender os enfrentamentos que são particulares das mulheres na luta pelo território. Para tanto, foi proposto a metodologia qualitativa que contou com a contribuição de 20 mulheres em posições de liderança, e a avaliação dos dados foi feita por meio de metassíntese. Entre as participantes, estão lideranças de diferentes esferas, como a familiar, religiosa e comunitária, são mulheres que participam ativamente das tomadas de decisão e ocupam diversas posições de autoridade local.

É importante destacar que algumas mulheres que estão à frente da ARMAQUALTA não se identificam como lideranças e, sutilmente, deram a entender que esse é um lugar masculino. Esse dado muito revela a pertinência de um poder masculino de subjugação de longa duração, apesar da relevante participação feminina nas comunidades as estruturas sociais continuam a sustentar a ideia de que a liderança é, em grande parte, uma característica masculina. Contudo, os achados da pesquisa que embasa este estudo revelaram que as mulheres afrodescendentes nos quilombos amazônicos exibem características de uma liderança feminina com poder de condução da organização junto ao território, comprometendo-se com a manutenção do pertencimento, com a defesa dos direitos territoriais e com a luta pela justiça social, racial, de gênero, classe e epistêmica.

2. Feminismo Negro na Amazonia Paraense:

No texto de Barros (2022), é proposto um convite à reflexão sobre a identidade feminina das amazônidas, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar as experiências e saberes ancestrais, além de questionar a categorização das mulheres da Amazônia e sua condição de movimento contínuo, menciona a autora:

Enegrecer o feminismo, revisitar nossas tecnologias ancestrais, amazonidar o pensamento. Quem somos nós, Amazônidas? Existirá uma outra categoria para nos analisar? Somos o outro, somos o fundamento do ser? Somos movimento, estamos em movimento. Uma pororoca de existências? (BARROS, 2022).

Barros, ao dizer "Enegrecer o feminismo, revisitar nossas tecnologias ancestrais, amazonidar o pensamento", propõe uma reflexão sobre a necessidade de incluir e valorizar as vozes e experiências de mulheres negras e indígenas dentro do movimento feminista. "Enegrecer o feminismo" sugere que o feminismo deve ser mais inclusivo, reconhecendo a interseccionalidade das opressões enfrentadas por mulheres de diferentes etnias.

"Revisitar nossas tecnologias ancestrais" pode se referir à valorização do conhecimento e das práticas tradicionais que foram desenvolvidas por comunidades indígenas e afrodescendentes, que muitas vezes são marginalizadas no contexto da modernidade. Essa revisão implica reconhecer a sabedoria e a força dessas culturas como essenciais para a construção de um feminismo mais abrangente.

"Amazonidar o pensamento" sugere a incorporação de perspectivas e sabedorias da Amazônia, enfatizando a importância de contextos regionais e culturais na formação de identidades e movimentos sociais. A pergunta "Quem somos nós, Amazônidas?" convida à reflexão sobre a identidade e a singularidade das mulheres da Amazônia, sugerindo que elas têm uma experiência e uma visão de mundo únicas que precisam ser reconhecidas e valorizadas. A consideração de que "existirá uma outra categoria para nos analisar?" aponta para a necessidade de novas formas de entender e interpretar as experiências dessas mulheres, que não se encaixam nas categorias tradicionais.

A afirmação "somos o outro, somos o fundamento do ser" sugere que as mulheres amazônidas se veem como essenciais para a compreensão da existência e da diversidade humana, refletindo uma conexão profunda com a natureza e com a vida. Por fim, "somos movimento, estamos em movimento" e "uma pororoca de existências" enfatizam a dinamicidade e a vitalidade das identidades femininas na Amazônia, sugerindo que elas são plurais, em constante transformação e interligadas, como a força de uma pororoca, que é uma grande onda formada pela junção das águas dos rios com o mar, isso simboliza a força e a complexidade das vivências das mulheres amazônidas, que se entrelaçam em um contexto de resistência.

O Feminismo Negro e a Liderança Feminina, apesar de estarem conectados, possuem particularidades que devem ser ressaltadas. Segundo Ribeiro (2018), o feminismo negro no Brasil surgiu na década de 1980, impulsionado por personalidades como Sueli Carneiro, Jurema Werneck e Lélia Gonzalez, que desempenharam um papel crucial na promoção e desenvolvimento deste movimento. Essa vertente do feminismo procura tratar das necessidades específicas das mulheres negras, que lidam não apenas com a opressão de gênero, mas também com desafios relacionados à raça e à classe social. Ribeiro destaca que a produção de conhecimento por pesquisadoras negras é essencial para entender a estrutura social e política que envolve essas mulheres.

Novais e Jucá (2017) destacam a importância de uma perspectiva crítica que una gênero, classe e opressão, ao mesmo tempo em que valoriza conhecimentos marginalizados ao longo da história. As mulheres negras, frequentemente retratadas como heroínas ou vítimas, enfrentam uma ambivalência em sua identidade; por essa razão, é fundamental intensificar as pesquisas sobre suas batalhas e formas de resistência.

Os movimentos feministas, de acordo com Pimentel e Silva (2022), emergem da consciência das mulheres sobre sua capacidade de definir seu papel na sociedade. As autoras defendem que é crucial ouvir as vozes das mulheres negras, pois suas vivências são distintas das mulheres brancas. Desde a época da escravidão, as mulheres negras têm elaborado estratégias de sobrevivência que resultaram na construção de uma identidade coletiva, visando estabelecer um espaço de apoio e crescimento (Maddox, 2013; Curtis, 2020).

2.1 A Interseccionalidade:

A participação das mulheres quilombolas na Amazônia por meio de uma abordagem teórico-metodológica baseada na interseccionalidade, fundamentada em autores como Gonzalez (2020), Collins (2021), Hooks (2023) e outros. Essa perspectiva permite compreender como os marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade e classe se entrelaçam, intensificando as opressões enfrentadas por essas mulheres. Elas não lutam apenas por igualdade de gênero, mas também reivindicam direitos raciais, sociais e territoriais, resistindo às negações de sua humanidade impostas pelo colonialismo (Spivak, 2010).

As mulheres quilombolas mostram-se capazes de transformar questões privadas, como o direito à terra, em temas de interesse público, fortalecendo sua visibilidade na luta por justiça social e racial. Sua liderança é um espaço de resistência conectado às suas ancestralidades, atuando na ocupação de espaços de poder e promovendo transformações ao compreenderem as estruturas opressoras Amoras, Costa e Araujo (2021), Teixeira e Amoras (2022), e Coutinho, Maciel e Amoras (2024). Segundo Collins (2021), suas experiências devem ser analisadas de forma integral, reconhecendo a diversidade e complexidade de suas trajetórias.

A interseccionalidade é essencial para entender as múltiplas dificuldades dessas mulheres na Amazônia, incluindo fatores como localização geográfica, acesso a serviços essenciais e a falta de políticas públicas adequadas. A desigualdade social, de gênero e racial, agravada pelo isolamento dos quilombos rurais e ribeirinhos, reforça as disparidades

enfrentadas. Assim, o estudo destaca a importância de reconhecer o protagonismo feminino na luta por direitos territoriais e sociais, evidenciando a complexidade de suas experiências e desafios, conforme as autoras mencionadas acima.

3. Metodologia:

Este estudo adotou uma opção metodológica política, em defesa da produção de conhecimento situado, especialmente considerando que a primeira autora é uma mulher quilombola e liderança política na AMARQUALTA. A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, envolvendo pesquisa teórica-empírica, histórica, pesquisa-ação participante (PAP), levantamento de fontes históricas e documentais, além de trabalho de campo. A pesquisa teórica buscou compreender eventos sociais em seus contextos históricos, valorizando a oralidade, enquanto a pesquisa de campo favoreceu a imersão para aproximar-se das interlocutoras e participar de seus espaços de atuação política. (Vergara, 2004; Teixeira, 2022). A PAP criou espaços de diálogo entre pesquisadoras e interlocutoras, abordando suas vivências como mulheres quilombolas na Amazônia paraense.

As principais ferramentas de coleta de dados incluíram observação participante, grupos focais e entrevistas narrativas, realizadas com mulheres quilombolas nativas ou com mais de 10 anos de vivência na área, além de lideranças independentes de cargos formais. Após critérios de inclusão e exclusão, convidamos 38 mulheres, das quais 20 aceitaram participar da pesquisa. A metodologia dos grupos focais é uma técnica qualitativa que reúne um pequeno grupo de participantes, geralmente entre seis e doze pessoas, para discutir um tema específico sob a mediação de um facilitador. Essa abordagem permitiu explorar percepções, opiniões e experiências de forma aprofundada, promovendo um ambiente interativo onde as dinâmicas grupais geram insights valiosos. Durante as sessões, utilizamos roteiros de perguntas que incentivam a discussão e a troca de ideias, possibilitando captar nuances e contextos que podem não ser evidentes em métodos quantitativos.

Para análise dos dados, utilizou-se a análise do conteúdo, um método de pesquisa qualitativa que integra e sintetiza achados de estudos existentes sobre um tema, permitindo uma compreensão mais ampla de fenômenos complexos.

O campo de pesquisa foi o quilombo da AMARQUALTA, localizada na zona rural, região do Alto Acará, no Município de Acará, Estado do Pará, o quilombo abrange oito comunidades quilombolas e ribeirinhas, incluindo: Turé III, Vila Formosa, Monte São, 19 do Massaranduba, Ipitinga Miri, Ipitinga Grande, Xavier e Fabrica. No quadro de associados do quilombo, registra-se mais de 700 remanescentes quilombolas, destes, aproximadamente 318 são mulheres (Coutinho, 2023). O Município de Acará está localizado na Mesorregião Nordeste do Estado do Pará e integra a Microrregião de Tomé-Açu. Sendo subdividido em regiões: Baixo Acará, Médio Acará e Alto Acará. Essa subdivisão segue o curso do Rio Acará, que vai de Belém (Baixo Acará), passando pela cidade de Acará (Médio Acará), até a região do Alto Acará, onde o rio é conhecido como Miritipitanga.

As participantes foram identificadas com a ajuda da Coordenação da Associação, que as reconhecem como lideranças políticas, entre elas: religiosas, ocupantes de cargos na Associação, comunitárias e influenciadoras nos momentos de decisões coletivas. Elas ocupam múltiplos espaços de poder e contribuem em diversas atividades. E foram orientadas quanto ao procedimento livre e esclarecido, além de assinarem os termos de consentimento. Foi decidido, em consenso, que seus nomes seriam substituídos por nomes de árvores nativas da região, com base na escolha de cada integrante. Essa escolha visou preservar o anonimato das participantes e, ao mesmo tempo, simbolizar a inclusão de todas as famílias que vivem no quilombo e que não participaram da pesquisa.

4. Resultados e Discussões

As participantes têm idade entre 28 e 78 anos, a maioria se considera negra, duas se consideram brancas e pelo menos uma se considera indígena, observa-se que a maioria é casada ou está em união estável, possuem filhos; mais da metade possuem netos; a maioria é escolarizada; e apenas 6 não são alfabetizadas. Todas as participantes executam atividades diversas. Algumas realizam atividades religiosas, enquanto todas participam das atividades na comunidade. Além de serem donas de casa, elas exercem outras funções, como agricultoras, funcionárias públicas, autônomas, empreendedoras e operárias. Durante o diálogo, identificamos falas impactantes e emoções intensas, que foram distribuídas em tópicos sobre:

1 - A influência feminina que inspirou seu processo de crescimento: mencionara a presença materna, de madrinhas e mulheres que tiveram as primeiras impressões;

2 - Quando questionadas sobre a impressão que possuem sobre líder, liderança e como se identificam nesse contexto: nem todas conseguiram descrever;

3 – Sobre a liderança e o território: elas destacam as percepções de liderar suas casa, comunidade e vida espiritual.

5. Considerações Finais:

A pesquisa destacou a importância do processo de quilombar feminino, desenvolvido na quilombagem, na transformação da organização política das mulheres nos quilombos da Amazônia. Ao analisar a participação das lideranças femininas no quilombo da AMARQUALTA sob a perspectiva da interseccionalidade, ficou evidente que essa prática cultural e política atua como um vetor de afroempoderamento, fortalecendo a mobilização das mulheres negras quilombolas contra os desafios do sistema colonial, racista e patriarcal.

A resistência dessas mulheres, aliada ao fortalecimento de suas lideranças, amplia seus espaços de atuação, promovendo a luta por igualdade de gênero, valorização da diversidade e bem-viver nas comunidades. Políticas de formação, espaços de diálogo e mentoria potencializam a autoimagem e a confiança dessas lideranças, incentivando-as a ocupar posições de destaque na organização social dos seus territórios. A visibilidade dessas lideranças inspira outras mulheres e desafia estereótipos de gênero, contribuindo para uma narrativa de justiça social que valoriza suas histórias e conquistas.

A quilombagem surge assim como uma estratégia de resistência e transformação, promovendo inclusão e reconhecimento, impactando positivamente a organização política dos quilombos na Amazônia. Em suma, essa prática é um instrumento potente de empoderamento feminino, capaz de promover mudanças sociais e culturais necessárias para enfrentar desigualdades estruturais, reforçando o papel ativo das mulheres na política e na defesa de seus territórios.

Referências

- AMORAS, M.; COSTA, S. M. G. D.; ARAÚJO, L. M. D. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202128>. Acesso em: [data de acesso].
- AMORAS, M.; COSTA, S. M. G. da; BARROS, N. A. de. Feminismo e a emancipação da América Latina. *Revista Praia Vermelha*, v. 31, n. 2, 2021.
- APOLLINÁRIO, F. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- BARROS, T. de N. M. N. Um manifesto pelo bem viver: A marcha das mulheres negras à Amazônia Paraense. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, ed. especial, p. 24–45, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1415>. Acesso em: [data de acesso].

COUTINHO, C. A. et al. Relatório de atividades 2015 – 2023: Do surgimento da Coordenação de Mulheres Remanescentes de Quilombola até os momentos atuais da participação das mulheres em conflitos territoriais no Quilombo do Alto do Acará-AMARQUALTA. Acará-PA, 2023.

COUTINHO, C. A.; MACIEL, M. C. A interseccionalidade no afroempoderamento de mulheres negras em quilombos amazônicos do município de Acará. In: XV Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade & II Conferência Internacional de Economia Criativa e Políticas Públicas. Belém, 2024b.

COUTINHO, C. A.; MACIEL, M. C. O afroempoderamento na quilombagem amazônica das mulheres da AMARQUALTA. In: Seminários de Administração - XXVII SEMEAD. São Paulo, 2024a.

COUTINHO, C. A.; MACIEL, M. C.; AMORAS, M. S. R. Liderança feminina na Amazônia Paraense. In: III Simpósio Agenda 2030 e os ODS: Desafios Sociopolíticos para a Inclusão de Grupos Vulnerabilizados. UEMA, Maranhão, 2024.

COUTO, T. S.; LIMA, G. A. Cultura organizacional: Um olhar sobre a importância do administrador em organizações culturais. In: F. R. BONAMIGO et al. (Org.). Conhecimento de gestão. Araguaína: Facdo, 2016. p. 164-175.

CURTIS, S. Threadbare but bonded—Weaving stories and experiences into a collective quilt of Black women’s leadership. *Frontiers in Education*, v. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/educ.2020.00117>. Acesso em: [data de acesso].

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. 12. ed. Tradução: Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

LIMA, A. R. do R. Revoltas camponesas no Vale do Acará-Grão-Pará (1822-1840). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, 2002.

LIMA, L. L. S. O papel da liderança em tempos pós-pandemia. Anais do Congresso Nacional de Administração – XXVIII CONAD, Espírito Santo, 2023. Disponível em: <https://www.conad.adm.br/2024/assets/docs/ANAISCONAD-2023.pdf>. Acesso em: [data de acesso].

MARIN, R. E. A. Camponeses, donos de engenhos e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX. [S.l.]: [s.n.], n. d. DOI: 10.18542/papersnaea.v9i1.11672.

MOURA, C. Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, C. A quilombagem como expressão de protesto radical. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408011>. Acesso em: 3 nov. 2023.

MOURA, C. O negro, de bom escravo a mau cidadão? 2. ed. Dandara Editora, 2021.

NASCIMENTO, A. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, M. B. Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

NOVAIS, M. C. dos R.; JUCÁ, R. L. C. Aquilombar o feminismo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress. Florianópolis: [s.n.], 2017. ISSN 2179-510X.

PIMENTEL, S. M. V.; SILVA, D. J. de S. Resistência e liderança da mulher negra: um estudo na comunidade quilombola São José de Icatú em Mocajuba-PA. *Nova Revista Amazônica*, v. 10, n. 1, p. 161, 2022.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, D. Quem tem medo do feminismo negro? 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, J. B.; BEZERRA, A. A.; BARBALHO, J. I. S. A quilombagem no século XXI: reconhecimento ou emancipação? *Revista de Ciências Humanas Caeté*, v. 2, n. 3, p. 99-111, 2020.

SILVA, J. M. O território quilombola do Alto Acará/PA como resistência à expansão do agronegócio do dendê. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2020.

SOUTO, S. S. de S. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Revista Metamorfose: Dossiê Arte, Cuidado e Tecnologias do Bem-Viver*, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view>. Acesso em: 13 set. 2024.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TEIXEIRA, E. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TEIXEIRA, M. S. S. P.; AMORAS, M. S. R. A interseccionalidade como chave analítica para a luta anticolonial das mulheres negras na Amazônia. *Revista da ABPN (online)*, v. 14, ed. especial, p. 46–67, 2022.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 5 ed. São Paulo: Atlas. 2004.